



## RITUAIS DE TRANSIÇÃO NO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS: A PRAXE ENQUANTO PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA

*TRANSITION RITUALS IN PORTUGUESE HIGHER EDUCATION: HAZING AS  
PROCESS OF IDENTITY RECONFIGURATION*

**Diana DIAS**

*Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.*

*Data de recepción: 08/03/2013*

*Data de aceptación: 21/06/2013*

**Maria José SÁ**

*Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior. Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade de Aveiro.*

### RESUMO

O “ritual de iniciação” dos novos estudantes no ensino superior português, designado por *praxe*, é visto como um ritual de transição, um conjunto de práticas simbólicas e um rito de passagem da dependência da adolescência à **autonomia** da idade adulta.

Este trabalho analisa o fenómeno da *praxe* com base nos discursos espontâneos de alunos do ES sobre a sua integração académica.

Os resultados apontam para a diversidade de perspectivas e experiências da *praxe* por parte dos caloiros.

**Palavras-chave:** experiência académica de alunos de 1º ano, adaptação à universidade, identidades estudantis, transição estudantil.

### ABSTRACT

The “initiation ritual” of the new students in Portuguese higher education, called *praxe*, is viewed as a transition ritual, a group of symbolic practices and a passage rite from adolescent dependency to adult autonomy.

This paper carries out an analysis of the *praxe* phenomenon based on the spontaneous discourses of HE students about their academic integration.

The results point out to the diversity of freshmen perspectives and experiences towards *praxe*.

**Keywords:** first year student experience, adjustment to university, student identities, student transition

## **INTRODUÇÃO**

No contexto do ES português, a praxe académica assume uma quota-parte bastante significativa nos rituais iniciáticos do novo estudante. No entanto, a escassez de uma análise científica deste fenómeno torna pertinente a sua tematização enquanto alvo de investigação e reflexão.

Num primeiro momento, a praxe será abordada numa perspectiva marcadamente antropológica, reflectindo sobre o seu carácter eminentemente ritual. A sua evolução ao longo dos tempos e algumas das suas actividades concretas foram também alvo da presente análise. Será abordado o impacto da vivência do fenómeno da praxe (como síntese final, mas também transversalmente a toda a reflexão), dando protagonismo às palavras dos entrevistados e deixando antever emoções e significados que emergiram das suas vivências da praxe.

A seguir, elabora-se um exercício de conceptualização deste fenómeno, tendo em vista a análise da praxe como um processo de (re)construção identitária. Para tal, a partir da análise de algumas das experiências dos caloiros relativamente à praxe, reflecte-se sobre as suas vantagens e desvantagens, a fim de enfatizar as suas formas simbólicas que podem interferir directa e indirectamente, e também positiva e negativamente, nos modos de integração académica e de (re) construção da identidade do jovem estudante do ES. É depois apresentado e discutido um estudo de caso, e são apresentadas algumas considerações finais.

## **O FENÓMENO DA PRAXE**

### ***BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA***

As origens da praxe têm a sua origem na designada “polícia universitária” medieval. Em 1308, um decreto do rei D. Dinis instituiu horas de estudo e de recolher na

Universidade de Coimbra. Os estudantes que não as respeitassem eram sancionados por aquela organização, composta por estudantes mais velhos. Esse grupo tinha a sua própria hierarquia, baseada exclusivamente na antiguidade de cada membro. Com o tempo, essa “força policial” veio a ser abolida. No entanto, parte dos seus procedimentos foi absorvida pela comunidade estudantil e, neste contexto, os estudantes mais velhos organizavam espontaneamente grupos que, após o toque de recolher, patrulhavam as ruas em busca de infractores. Este conjunto de práticas académicas prevalece até à actualidade, embora assumam hoje uma forma e perspectiva diferentes, como será detalhado neste artigo.

Na verdade, a palavra *praxe* surgiu na forma escrita pela primeira vez em 1863, aparecendo novamente em 1872, relacionada com o adjectivo “selvagem”, o que ilustra a opinião da população acerca das práticas, frequentemente violentas e cruéis, que os estudantes mais velhos infligiam aos caloiros (Nunes, 1989).

A primeira regulamentação e normalização dos usos e costumes da praxe ocorre com a publicação do Código da Praxe Académica em 1957, que institucionaliza e formaliza este conjunto de práticas académicas. Durante a segunda metade do século XX, a praxe académica desempenhou um papel importante como instrumento político na oposição à ditadura de Salazar e à Guerra Colonial, uma vez que foi usada para disfarçar de tradições académicas as intervenções anti-regime. Paradoxalmente, com o advento da democracia em 1974, a praxe académica e as suas tradições foram proibidas em diversas academias estudantis. Na verdade, nessa época, os estudantes ligados aos partidos políticos de “esquerda radical” posicionavam-se contra a praxe, defendendo que esta alienava os alunos da luta política. O reaparecimento de praxe ocorre apenas no final dos anos 70, quando estudantes da esquerda radical

começaram a perder importância dentro das academias (Lamy, 1990). Com a revitalização gradual da praxe académica nas universidades mais antigas, outras academias, incluindo as novas universidades e até mesmo os Institutos Politécnicos, “tomam de empréstimo e importam” estas tradições, transformando-as nas suas próprias “tradições”. O fenómeno da praxe assume uma importância e visibilidade tal que as IES jovens sentem a necessidade de “criar e construir” as suas próprias “tradições”, ainda que incongruentes com a sua natureza jovem.

### *PRAXE: FUNÇÕES E OBJECTIVOS*

Os dados sobre esta temática são muito escassos, verificando-se a quase inexistência de uma abordagem científica. A maioria das informações pode ser encontrada sobretudo através de fontes informais, tais como *blogs* das academias<sup>1</sup>, e o seu conteúdo é quase literalmente o mesmo, sem qualquer referência à sua real autoria. A única visão oficial sobre o fenómeno da praxe é o *Código da Praxe de uma Academia Portuguesa*, publicada em 1983 (Estanque, 2008). Este documento apresenta uma visão tradicional da praxe e apresenta uma definição bastante genérica e abrangente deste fenómeno: “o conjunto de usos e costumes tradicionalmente existentes entre os estudantes da Universidade de Coimbra e os que forem decretados pelo Conselho de Veteranos”. Outros documentos, nomeadamente o “*Quod Praxis*”<sup>2</sup>, referem que a praxe académica engloba “um conjunto de tradições geradas entre estudantes universitários e que há séculos vêm a ser transmitidas de geração em geração”. Estes documentos defendem que, mais do que um ritual, a praxe académica é uma espécie de “*modus vivendi*” característico dos estudantes, que enriquece a cultura portuguesa com

tradições criadas e desenvolvidas por antigos alunos”. Assim, estas fontes consideram que a praxe académica assume o papel de uma cultura herdada, que os estudantes do ES têm a responsabilidade de preservar e transmitir às gerações futuras. Este documento afirma também que o verdadeiro propósito e filosofia da praxe académica é “ajudar o recém-chegado a integrar-se no ambiente universitário, a criar amizades e a desenvolver laços de sólida camaradagem. É através da praxe que o estudante desenvolve um profundo amor e orgulho pela instituição que frequenta, a sua segunda casa”.

Um dos pilares da praxe reside, pois, no seu papel no apoio aos estudantes recém-chegados, promovendo a sua integração no meio académico e proporcionando-lhes oportunidades para ampliarem e aprofundarem as suas redes de apoio social, em particular entre os pares. É ainda interessante notar o apelo explícito à manutenção das tradições, “usos e costumes”, referido e realçado em todas as definições de praxe, que chega a ser considerada como um fenómeno cultural. O fundamento para a longevidade da praxe parece ser usado pelos seus defensores como o mais importante argumento para a sua legitimidade e importância cultural e antropológica.

Para além disso, a questão do poder surge como o núcleo de toda a dinâmica da praxe. De facto, o poder é evidente, não apenas através da forte hierarquia entre os seus actores, mas também na sua estrutura, que é fortemente regulamentada por decretos que não só regulam como também propõem sanções para aqueles que se atrevem a transgredir.

Assim, embora a praxe tenha, aparentemente, assumido uma natureza multi-significante, pode ser definida como um

---

<sup>1</sup> e.g. <http://www.regiao centro.net/lugares/coimbra/praxe/default.asp>; [http://pwp.netcabo. pt/qvidpraxis/praxe.html](http://pwp.netcabo.pt/qvidpraxis/praxe.html).

<sup>2</sup> [www.paginas.teleweb.pt/~praxis](http://www.paginas.teleweb.pt/~praxis)

conjunto de actividades ritualizadas que os “doutores” (estudantes que têm mais de uma inscrição no ES, e cuja designação aponta para uma clara apropriação antecipada do título que tentam obter) planeiam e executam entre os caloiros, onde existe uma relação explícita de dominação/submissão. Considerando tudo o que foi atrás referido, perguntamos: poderá a praxe ser considerada um verdadeiro rito de passagem?

### **RITUAIS E RITOS DE PASSAGEM**

#### *DE ACORDO COM CLAUDE RIVIÈRE,*

[...] os ritos são um conjunto de condutas individuais ou colectivas, relativamente codificadas, tendo um suporte corporal (verbal, gestual, de postura), com um carácter mais ou menos repetitivo, com uma forte carga simbólica para os seus actores e habitualmente também para quem os testemunha, fundados numa adesão mental, eventualmente não consciente, a valores relativos a escolhas sociais importantes (1992: 6).

Por sua vez, Victor Turner define o ritual como “o comportamento formal que não é dedicado a rotinas tecnológicas e que faz referência a crenças em seres ou poderes místicos” (1990: 21).

#### *PERSPECTIVA SINÓPTICA DAS DIMENSÕES DO RITUAL*

Usando como ponto de partida estas duas definições, Ribeiro (2001: 23) propõe uma sinopse das dimensões do ritual, que é apresentada conjuntamente com alguns exemplos alusivos da praxe:

1. Quadro sequencial de acções, organizado em dois planos:
  - a. periodicidade: ritos cíclicos calendarizados, espontâneos, vinculados a certos contextos e acontecimentos (a semana do caloiro, a queima das fitas...);

- b. organização interna do ritual:
  - c. suspensão temporal plasmada na figura recorrente da repetição de acções e palavras (os “gritos de guerra”, as canções...);
2. Prescrição e formalização: ênfase nos aspectos formais e no modo de fazer convencional, frequentemente sancionados pela tradição (o Código de Praxe...);
  3. Trama de significações sociais: sistema codificado de meios simbólicos (palavras, gestos); sistema de comunicação, negociação e redefinição dos significados em jogo em cada ritual (o julgamento do caloiro...);
  4. Sistema de papéis, organizado em dois eixos, que vão:
    - a. da diferenciação de papéis, da rigidez hierárquica à fusão de sentimentos, de movimentos, de interesses (dos veteranos aos caloiros...);
    - b. da delegação da condução e execução do ritual em representantes da comunidade à participação e partilha colectivas (os doutores...);
  5. Fundamento transcendente do ritual: escolhas axiológicas primordiais; papel legitimador da tradição; processo de integração e de construção de identidade grupal (baptismo do caloiro...);
  6. Eficácia performativa: definição, reprodução e transformação da realidade (apenas os estudantes que foram praxados podem praxar no futuro e ser “promovidos”, pelos símbolos da sua transição, a “doutores”).

Com efeito, pode afirmar-se que o fenómeno da praxe cumpre todos os critérios das dimensões do ritual propostas por Ribeiro (2001).

### *RITOS DE PASSAGEM: UM ESQUEMA TRIPARTIDO*

Van Gennep define “Ritos de Passagem” como “conjuntos cerimoniais que acompanham, facilitam ou condicionam a passagem de um dos estágios da vida a outro ou de uma situação social a outra” (1981: 155). A sua principal função é a de marcar a transição entre dois estados/estatutos sociais distintos, com repercussões e alterações do próprio estatuto identitário. Nesta abordagem, os ritos de passagem estruturam-se segundo três momentos sequenciais, formando um esquema tripartido que corresponde adequadamente ao processo vivido na praxe:

- Os ritos de separação de um estado anterior e inferior (na primeira etapa da praxe, os caloiros têm de assumir um papel de clara subordinação em relação aos “doutores”);
- Os ritos de margem, numa “flutuação entre dois mundos” (Van Gennep, 1981: 36), em que os actores esperam, aprendem e preparam as suas competências para serem capazes de aceder a um novo patamar, em que já não são o que eram, mas ainda não são o que serão no futuro (estudantes que frequentam o 2º ano do ES, quando já não são caloiros, mas ainda não podem praxar, assumindo um papel de meros observadores);
- Os ritos de agregação ao novo estado ou estatuto (os estudantes apenas podem ser intitulados de “doutores” e conquistar o direito a praxar depois de terem participado nas actividades da praxe, quer como caloiros, quer como observadores).

Na praxe académica há inúmeras simbologias de passagem, que permitem considerá-la um verdadeiro ritual de passagem. Um desses símbolos, que é, de resto, um dos mais importantes e significativos, é o facto de o caloiro se tornar verdadeiramente estudante, de acordo com o código da praxe, quando passa em frente à tribuna onde está o Reitor, durante o Cortejo da Queima das Fitas.

### **METODOLOGIA**

Ao propor-se a análise da praxe académica como um rito de passagem, naturalmente que existem restrições em termos de opções metodológicas. Considerou-se que as entrevistas eram a melhor forma de captar a riqueza e a complexidade da realidade em análise e de apreender os sentidos das práticas (Amado-Tavares, 2008). A escolha de uma abordagem qualitativa foi justificada pela ideia da existência de um vínculo dinâmico e indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do indivíduo. Na metodologia qualitativa, as problemáticas abordadas não são reduzidas a variáveis ou hipóteses isoladas, mas antes assumidas como parte de um todo, no seu contexto natural. Esta perspectiva recusa reduzir as pessoas a meros agregados estatísticos, enfatizando a natureza necessariamente subjectiva do comportamento humano.

Foram realizadas entrevistas a caloiros que se encontravam a frequentar o ES há seis meses. A amostra foi composta por 30 alunos (de um universo de 43) matriculados em Engenharia Electrotécnica e de Computadores, numa das universidades portuguesas mais reputadas. Utilizou-se o método de amostragem probabilística como estratégia para a selecção da população-alvo. As entrevistas focalizaram-se em cinco temas principais: (i) informações demográficas; (ii) o nível de participação na praxe; (iii) significados percebidos da sua participação; (iv) objectivos percebidos da praxe; e (v) as propostas de alterações.

A análise dos dados foi realizada através de análise de conteúdo, utilizando o software

QSR N6, escolhido pela sua versatilidade e flexibilidade para incluir a orientação metodológica adoptada para esta pesquisa. Esta opção metodológica surge a partir da reflexão sobre o estatuto epistemológico (e não apenas técnico) da linguagem, enquanto construção da realidade, privilegiando a abordagem semântica relativamente à sintáctica. As obras de Weber (1990) e Krippendorff (1980) constituíram uma base fundamental para a implementação desta abordagem metodológica.

### **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES**

#### *VIVER A PRAXE: AS EMOÇÕES DOS CALOIROS*

A praxe assume tal importância enquanto ritual de iniciação no ES que os estudantes assumem-na como quase inevitável. Na verdade, quer rejeitando, quer participando nela, nenhum estudante fica indiferente à praxe. Como diz David: “ninguém fica indiferente à praxe. Nota-se mesmo que mudamos de vida”. Desta forma, a praxe provoca as mais diversas emoções e sentimentos, mesmo antes de os estudantes a vivenciarem. Diana **já sabia**: “Já sabia que isto era difícil e que a praxe era violenta”. Estas eram as expectativas com que esta nova estudante universitária chegou ao limiar de uma nova fase da sua vida. Algum tempo depois, acaba por confirmar essas mesmas expectativas: “E as minhas informações estavam correctas.”

#### *EXPECTATIVAS: QUANDO O ENTU- SIASMO SE FUNDE COM O MEDO*

Para alguns dos entrevistados, a praxe orientou a sua chegada à instituição de ensino superior (IES), servindo como o momento exemplar de transição, enquanto, para cerca de um terço dos inquiridos, a praxe representou o maior medo do confronto com o ES (“Medo da praxe: ouve-se por aí tanta coisa...”, Diana).

Como estreados no seu novo papel como estudantes universitários, a ansiedade e expectativa parecem tomar conta das emoções dos novos estudantes. Fernando diz-nos: “Estava um pouco nervoso por causa da praxe. Qualquer um fica”. Afinal, tal como Diana, também ele já tinha sido posto a par das dificuldades que poderia ter de enfrentar: “Tinham-me dito que era bastante forte e tive algum receio”. O maior receio de Tiago, ao iniciar a sua nova vida como estudante do ES, foi também a praxe: “Senti-me um pouco nervoso, mas acho que isso é normal.” Estes dois estudantes sentiram a necessidade de desdramatizar as suas emoções negativas, apelando para a suposta “normalidade” da sua emergência, deixando antever um possível exemplo de gestão emocional em presença do stress.

As informações que enformam as suas expectativas parecem de tal forma convincentes que André, previdente, apelou às suas redes relacionais, numa tentativa de facilitar a sua entrada na IES, embora os seus intentos tenham saído gorados: “Tinha ouvido muitas histórias sobre a praxe e não queria ser maltratado. Vinha com medo, mas pedi para vir com o meu colega que já cá andava. Pensei que ele me protegia, mas ele entregou-me aos doutores”. Daniel, por seu turno, tentou encontrar estratégias para prescindir da sua participação na praxe: “Primeiro tentei escapar-me: disse que era repetente. Não fui logo praxado por causa disso. Só me apanharam na semana de recepção”, embora, para Manuel, as opiniões dos outros nem sempre tenham razão de ser: “Não é nada massacrante, como para aí se diz. Até é engraçado”.

São precisamente duas caloiras que, apesar das emoções iniciais ligadas ao medo e ao receio, acabam por constatar que o divertimento acabou por se impor, enquanto emoção central associada ao momento da praxe: “Mas foi bom: primeiro um choque, mas depois foi bom” (Alexandra), “Primeiro estava com medo, mas depois até gozei bastante” (Susana). A identificação de dois momentos

distintos relativamente à apreciação que fazem da praxe parece constituir-se como um ponto comum a várias narrativas, de entre as quais se destacam as palavras de André: “Primeiro fiquei a achar a praxe uma estupidez, mas depois até gostei de algumas coisas.”

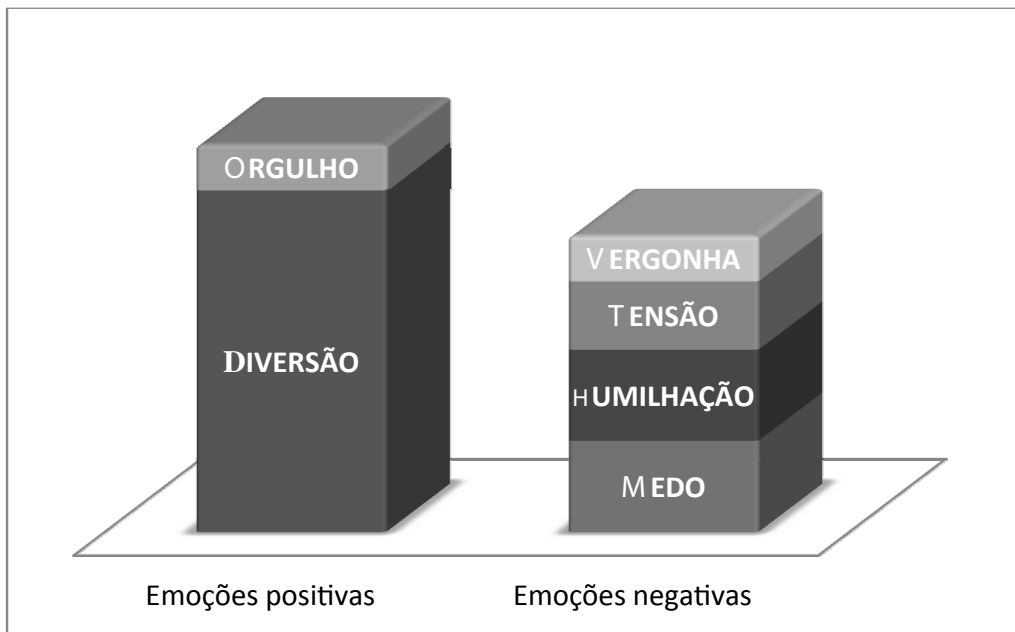
### *EMOÇÕES EMERGENTES: OS DOIS LADOS DA BARRICADA*

Quando o medo deixa de ser a emoção dominante, uma diversidade considerável de outras emoções, com valores diferentes, emergem das experiências da praxe (ver Figura 1). Assim, a diversão parece ser a emoção mais vezes referida: “gostei bastante. Foi o máximo, nunca mais me esquecerei” (Manuel). De facto, a diversão e o orgulho (“É um orgulho. É um símbolo da importância que tem entrar para aqui”, Lourenço) são os principais representantes de todas as emoções positivas associadas à praxe.

Por outro lado, na análise das emoções de carácter mais negativo, e tal como

mencionado anteriormente, o medo e o receio são as mais marcantes. Outras emoções que se destacam são a humilhação (“Senti-me humilhado, maltratado... Não estava habituado a ser tratado assim”, Sérgio) e o sofrimento (“Foi horrível. Não aguentei e desisti”, Josué), assumindo um carácter de verdadeiro sacrifício para estes estudantes. Além disso, os caloiros referem também que se sentiam envergonhados e ridicularizados com o que eram forçados a submeter-se: “Achei aquilo um bocado ridículo e não vim a tudo” (Paulo).

Existe, portanto, uma clara discrepância entre os dois grupos de emoções antagónicas de carácter positivo e negativo. Ou seja, a mesma experiência é vivida e sentida de forma diversa por diferentes estudantes: se para alguns a praxe é uma experiência verdadeiramente agradável, para outros é um completo tormento, como diz José: “Fui tratado abaixo de cão e não gostei nada. Desisti ao fim de duas semanas”.



**Figura 1.** Emoções percebidas quanto à participação na praxe

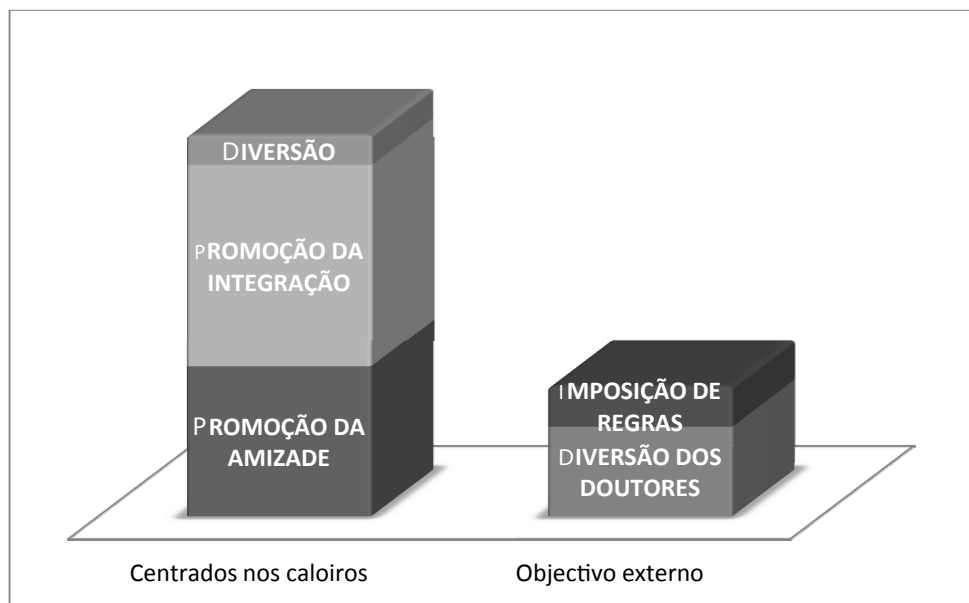
## **SIGNIFICAÇÃO DA PRAXE: AS ATRIBUIÇÕES DE SIGNIFICADO DOS CALOIROS**

### **TENSÕES ENTRE O DITO E O PERCEBIDO**

No que diz respeito aos objectivos últimos da praxe, as opiniões também divergem consideravelmente. A Figura 2 ilustra a dispersão de significados atribuídos à praxe pelos entrevistados. De forma a permitir uma conceptualização dos resultados, foi feita uma distinção entre os significados da praxe mais centrados nos caloiros e os significados mais centrados em objectivos externos. Ou seja, da gama de significados reconhecidos pelos caloiros, existem aqueles que assumem a praxe como um fenómeno intencionalizado especialmente para melhorar a sua integração e desenvolvimento, e aqueles que percebem a praxe como um ritual concebido para prosseguir objectivos mais institucionais e comunitários. Enquanto na primeira perspectiva o caloiro desempenha o papel principal no seu próprio processo de integração pessoal, na segunda o

caloiro deixa de ser a personagem principal, mas apenas mais uma peça de um cenário global.

No que se refere aos significados mais centrados na integração dos caloiros, uma percentagem considerável de primeiranistas entrevistados (47%) considera que a praxe tem como meta promover relações de amizade inter-pares: “Conhecer pessoal. Descobrir amizades sob outras perspectivas” (João). No entanto, as percepções da sua eficácia a este nível diferem. Por um lado, alguns estudantes consideram que a praxe “é uma excelente forma de conhecer os outros caloiros e mesmo os doutores” (Manuel) que, apesar de ser “uma forma como outra qualquer, esta ao menos dá resultado” (Sofia). Por outro lado, há estudantes que duvidam da sua eficácia, tal como é o caso de André, que reflecte sobre aquilo que é dito e as verdadeiras intenções do que é feito: “Eles [doutores] dizem que o objectivo é os caloiros ficarem amigos, mas penso que o objectivo a sério não é esse. Não é pelos caloiros, é por eles.”



**Figura 2.** Significado percebido da praxe



Outro objectivo associado à praxe é o de promover a integração dos novos alunos na comunidade académica. Diana define a praxe como “um conjunto de brincadeiras que servem para integrar os caloiros”, “habitando-os ao ambiente que se vive na faculdade”, acrescenta Carlos. Porém, mais uma vez, as opiniões divergem quanto à eficácia desta intenção. Se, para Ana, Tiago e Manuel, a praxe é a principal responsável pelo seu sentimento de integração na Faculdade, o mesmo não se pode afirmar para Jorge: “Dizem que é para os caloiros de integrarem, mas comigo não resultou.”

Os fins lúdicos parecem também ter sido percebidos por um conjunto significativo de primeiranistas, embora as opiniões difiram quanto aos sujeitos desse mesmo divertimento. Desta forma, para alguns dos estudantes entrevistados, a sua adesão à praxe tinha como intuito exactamente divertirem-se (“Depois apercebi-me do que estava por detrás da praxe, da oportunidade para conhecer pessoas, para me divertir”, Carlos), tendo os seus objectivos sido concretizados: “diverti-me à grande” (Manuel). Em referência aos objectivos externos da praxe, André afirma

que são os estudantes mais velhos que “se querem divertir. De facto, podemos falar da praxe como uma diversão para eles”. Bruno partilha esta opinião, defendendo que o verdadeiro objectivo da praxe “é os praxantes divertirem-se”.

Um outro significado atribuído à praxe diz respeito à imposição de um conjunto de regras que visam a integração dos caloiros na IES, cumprindo critérios pré-estabelecidos, os quais são concebidos com base nos objectivos institucionais, mais do que nos dos caloiros. A praxe é percebida, portanto, como uma “formação” para tornar os recém-chegados verdadeiramente estudantes.

#### *TENSÕES ENTRE O QUE É E O QUE DEVERIA SER*

Perante a polissemia que o conceito de praxe parece encerrar em si, torna-se pertinente levar em linha de conta, na presente análise, as propostas de alteração que os entrevistados teceram face à sua própria experiência enquanto praxados. A Figura 3 revela uma imagem das diversas sugestões de alteração da praxe:



**Figura 3.** Propostas para alteração da praxe

Desde logo, há a destacar que cerca de 27% dos primeiranistas entrevistados consideram que a praxe não deveria sofrer qualquer alteração (“Há quem goste, por isso, nada”, Paulo), enquanto 30% sugerem tornar a praxe mais suave, menos dura: “Acho que não havia necessidade daquelas coisas todas, da humilhação e isso...” (Paulo). Sofia, que é da mesma opinião, recomenda possíveis mudanças de base, dir-se-ia mesmo axiológicas: “Acho que deveria ser suave, mais numa de ajuda e menos numa de autoridade.”

Propostas mais específicas e concretas são também aventadas. Enquanto Luís sugere que sejam banidas da praxe “as brincadeiras parvas, as que humilham os caloiros”, outros referenciam actividades bem mais concretas: “Mudava a gritaria, as asneiradas, os cascudos...” (Arlindo); “as posições estúpidas, os cachaços, as asneiras” (Jorge).

Tornar a praxe a fonte de maior diversão para os caloiros é também uma proposta bastante reiterada: “Queria que houvesse mais brincadeiras... Mais coisas divertidas” (Alexandra). André corrobora e complementa a opinião da colega: “Eu penso que, por exemplo, a praxe não devia ser tão psicológica, devia ser mais na base da brincadeira. Se assim fosse, e embora se continuasse a colocar em ridículo, os caloiros sentiam mais alegria no que estavam a fazer.” Ivo assume uma posição mais holística e sugere, simplesmente, “Mais festas para todos”.

Josué, que é bastante mais radical, propõe uma mudança significativa na filosofia de base adoptada pela praxe: “Tudo. Tornava-na naquilo que devia ser: uma recepção de boas vindas aos alunos novos e não uma forma de os fazer sentir-se ainda pior.” Tomando como referência a ideia da integração como objectivo primeiro da praxe, André reflecte sobre actividades alternativas às que vivenciou na praxe e que, a seu ver, teriam um efeito bastante mais benéfico: “Para fazer novos amigos, bastava juntar o pessoal todo e estar todos na galhofa, e assim se faziam amigos.”

Para além das propostas de alterações atrás referidas, os caloiros percebem a praxe como uma fonte privilegiada de informação. Contudo, enquanto uns consideram que a informação acessível através da praxe deveria ser francamente acrescida e aprofundada, outros consideram que os conteúdos informativos deveriam ser alvo de revisão, quer em quantidade, quer em qualidade. Mário considera que nem todas as informações podem ser consideradas fidedignas: “Acho que é preciso viver a praxe, mas sem a levar muito a sério: tipo não podemos acreditar em tudo o que nos dizem das cadeiras e dos professores. Se nos deixarmos influenciar, é mau.”

No entanto, se para todos estes primeiranistas a praxe parece pertinente, ainda que pudesse sofrer algumas alterações, para outros a opção a tomar deveria ser bastante mais radical: “Proibia-a”, sentencia Bruno.

### **CONCEPTUALIZANDO A PRAXE: REFLEXÕES SOBRE O FENÓMENO**

#### *A PRAXE COMO UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA*

A promoção da coesão social entre os caloiros, e entre estes e os estudantes mais velhos, é também apontada como um dos resultados de viverem a experiência da praxe. Como nos diz João: “Estamos todos no mesmo barco.” Aliás, Arlindo, apesar de duvidar da veracidade dos objectivos imputados à praxe relativos à integração dos novos estudantes, acaba por reconhecer que a praxe “acaba também por servir para os caloiros. Une-os. Dá um sentido de grupo.” Para Manuel, o objectivo da praxe é exactamente o de “ajudar a adaptação dos caloiros”, embora a eficácia desta intencionalidade não seja sempre a melhor ou, pelo menos, a esperada: “Dizem que é para os caloiros de integrarem, mas comigo não resultou” (Jorge).

A este propósito, é interessante referenciar a proposta de Pinto (1999: 8) que distingue, ao nível da construção identitária, dois grandes

processos: identitização e identificação. Segundo o autor, o processo de identitização estaria na base do reconhecimento e mapeamento recíprocos das diferenças, distâncias e fronteiras sociais: “Ser aluno desta Faculdade é ser um bocado superior aos outros” (André). O processo de identificação, por seu turno, fundamentar-se-ia no sentimento de inclusão num grupo de pertença (ou de referência) específico, para o qual a praxe parece contribuir significativamente, pelo menos na perspectiva de alguns dos seus participantes: “Já me sinto em casa” (Gustavo); “Também aprendi a defender o espírito da minha Faculdade e isso faz-me estar integrado” (André).

Porém, ao construir o processo identitário com o grupo de pertença, pode distinguir-se, por um lado, a aproximação às características e marcadores que um dado grupo ostenta e que o torna único (identificação com o *in-group* ou grupo desejado), mas também, por outro lado, o reconhecimento de oposição e distinções em relação a outros grupos que se assumem como rivais ou, pelo menos, distintos (oposição ao *out-group* real ou desejado). É a essa distinção identitária a que se refere Daniel: “O problema é que a praxe é uma forma de mostrar a rivalidade entre licenciaturas: todas querem poder dizer que a sua praxe é a melhor. E por isso a fazem tão dura.” Podem ser encontradas inúmeras referências à ideia não só de pertença à comunidade académica (“É bom pertencer a uma família grande e famosa como a desta Faculdade”, Daniel), como também de união grupal (“A praxe também nos obriga a defender a Faculdade, temos de ser unidos”).

#### *A PRAXE COMO UMA ESPÉCIE DE INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA*

A ideia da utilidade prática da praxe é também referida por alguns dos entrevistados como um dos objectivos, ou pelo menos, resultados da experiência da praxe. No entanto, também aqui os sentidos das opiniões divergem. Enquanto para Josué a praxe não passa de “uma treta”, para Manuel “até é útil:

fica-se a conhecer os professores.” Na mesma linha de Manuel, Pedro clarifica melhor o que considera ser a componente utilitária da praxe: “É uma espécie de manual de instruções para a vida aqui dentro. Nos primeiros dias, serviu de muito”, embora reconheça que a pretensa utilidade inicial perdesse o seu impacto com o passar do tempo: “Agora começo a pensar que o manual de instruções tem uns autores que se calhar não andam a ver bem as coisas...” O carácter informativo que a praxe ostenta afirma-a ainda mais como elemento estruturante na construção e consolidação da relação que os novos estudantes começam a estabelecer com o seu novo ambiente e a sua nova vida. A praxe é assumida como uma fonte de informação essencial, embora nem sempre seja eficaz. Mário refere mesmo a praxe como uma das causas do insucesso académico: “A culpa é também da praxe. Há doutores que dizem que não vale a pena ir às aulas de tal cadeira e os caloiros acreditam.” Tal como Pedro já nos disse, o pendor informativo proporcionado pela praxe pode assumir-se, à falta de outros, como um manual de instruções para a nova vida de estudante universitário, mas, como ele mesmo reconhece, nem sempre as opiniões dos seus autores são as mais avalizadas.

A este propósito, há a salientar o facto de a utilidade atribuída à praxe não ter apenas como alvo os novos estudantes, sendo também referenciada em relação a quem a orienta: os intitulados “doutores”. André, que já atrás foi referenciado pela sua opinião face às verdadeiras intenções da praxe, faz residir os possíveis benefícios da praxe nos próprios estudantes que a coordenam: “não é pelos caloiros, é por eles.” Jorge concorda, concebendo a praxe como uma forma de satisfação de necessidades internas dos “doutores”: “Aquilo é mais para os doutores do que para os caloiros. Eles precisam de se sentir importantes.” Arlindo, na mesma linha, defende que a principal intenção da praxe é catártica, funcionando para “despejar as frustrações dos doutores. Uma espécie de

escape para tudo o que lhes corre mal na vida, tipo notas e namoradas... É uma maneira de se vingarem da vida.” Esta ideia de vingança é também apoiada pelas palavras de outros primeiranistas, de entre as quais se destaca a opinião de Sérgio: “Acho que eles estão a vingar-se do que lhes fizeram a eles, mas nós não temos culpa.”

#### *PRAXE: CEDER E/OU SOFRER*

Sendo a praxe uma actividade que pressupõe um carácter participativo assente no voluntariado, existe uma incongruência nas sugestões, por um lado, para a banir e, por outro, para a tornar num processo voluntário. De facto, esta perspectiva propõe que seja atribuído à praxe um pressuposto do qual já goza. As palavras dos entrevistados levam, pois, a depreender o seu desconhecimento de tal prerrogativa, ou, então, a ilação de que o carácter voluntário da participação na praxe seja meramente teórico e que, na prática, se encontrem estratégias persuasivas, cuja eficácia contribua para o engrossar das massas de caloiros que participam em tais rituais. De entre todos os respondentes, apenas dois não foram praxados, indicando causas bastante distintas para este facto. Lourenço explica-nos: “Não fui praxado. Entrei na 2.<sup>a</sup> fase, já depois do comboio em andamento. Senti-me atrasado, fora de prazo. Deslocado, mesmo.” O seu lamento é perfeitamente explicado pelo conceito que este primeiranista detém da importância da praxe: “É um orgulho. É um símbolo da importância que tem entrar para aqui.” Já no caso de Nelson, a sua não participação na praxe ficou a dever-se a posições bastante diferentes. A sua opção parece ter sido interna e pessoal: “Achei que não devia participar. Queria passar despercebido, mais um na multidão.” Apesar da sua opção de participação, Miguel deixa antever não se ter tratado de uma opção tomada de ânimo leve ou com entusiasmo: “Foi uma opção. Sabia para o que vinha e assumi as consequências.” Serão estas consequências que se constituem como motes para a adesão à praxe? Jorge é explícito

ao referir uma delas, intimamente relacionada com a aceitação pelos pares: “Entreí para não dizerem que eu era um betinho ou um tipo do contra. [...] mas não tive prazer nenhum.” Tal como nos dizia Mário: “Não se devia ser contra nem a favor da praxe, pois isso implica que se tenha de estar de um lado só e quem é contra é muito marginalizado”.

#### ***VIVER A PRAXE: UM CASO DE RELAÇÕES SOCIAIS RECONFIGURADAS***

Ainda relativamente ao impacto da participação na praxe no sentimento de integração dos novos estudantes, parece interessante focar o caso de Ana. Esta primeiranista parece deter um percurso escolar pautado pelo sucesso em termos de classificações, mas também por algum insucesso relacional com os pares. Para Ana, a praxe parece ter sido um momento de grande importância (“Foi muito importante para mim, nem imagina quanto”), permitindo-lhe romper com uma imagem que não lhe agradava e encetar uma nova etapa na sua vida relacional. Ana fala-nos espontaneamente do desconforto relacional que viveu nos últimos anos de frequência do ensino secundário: “Na secundária, como eu era muito boa aluna, os meus colegas não gostavam assim lá muito de mim. Achavam-me uma ‘graxista’, que não fazia nada na vida sem ser estudar, estudar. Só falavam comigo para me pedir os cadernos.” A praxe assume-se, para Ana, como a pedrada-toque para o rompimento com esta situação que vinha a assumir-se como altamente ansiogénica e destruturante: “A praxe fez com que nos conhecêssemos todos da mesma forma. Na praxe, os outros tiveram a oportunidade de me conhecer como eu sou realmente, sem o fardo das notas...” O fardo de ser “boa aluna” parecia demasiado pesado para esta jovem, que viu a sua posição no jogo relacional inter-pares assumir uma perspectiva favorável, graças à sua participação no ritual da praxe: “Fiz amigos, conheci pessoal sem o peso de saber se eram bons ou maus alunos. Somos todos iguais.”

A subjectividade inerente à avaliação de qualquer actividade implica, frequentemente, um vasto leque de opiniões. O fenómeno da praxe não constitui uma excepção. Enquanto para Josué, “Foi horrível. Não aguentei e desisti”, para Ana, “Acho que a praxe foi a melhor coisa que me podia ter acontecido”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode argumentar-se, com base na análise dos dados, que a praxe dos caloiros é claramente um rito de transição, com um claro objectivo de elevação de estatuto, que “transforma” o caloiro num estudante do ES de pleno direito. Numa perspectiva social mais abrangente, é também uma celebração de entrada, uma cerimónia que celebra a promoção do estudante a educação elitista. Além disso, o ritual da praxe pode também ser visto (embora não explicita ou linearmente) como a ritualização da transição da dependência da criança ou do jovem em relação às figuras paternas para a autonomia do adulto. No entanto, a praxe não deixa de ser uma celebração de uma clara ascensão estatutária, já que a possibilidade de ingressar no ES não depende desse ritual, mas sim do cumprimento das metas de conhecimento impostas pelas provas de acesso a este nível de ensino (que não é consequência apenas de uma competência cognitiva, mas também de um processo de construção social e pessoal). Por outras palavras, este fenómeno detém em si mesmo uma incongruência explícita: a transição objectiva já está consumada antes da emergência do ritual, cujo objectivo é mediar essa passagem. O acesso ao ES depende, em grande medida, das metas em termos performativos impostas para os exames específicos. Mas, depois disso, o poder do ritual é bem conhecido por aqueles que iniciam o seu percurso como estudantes do ES. Pode supor-se que há dois “direitos de entrada”, dois “passaportes” distintos e simultâneos/sobrepostos:

- a) A entrada no ES que advém do esforço e dos resultados conseguidos no ensino secundário:

“O resultado de um longo esforço. Uma espécie de prémio. Um prémio que eu merecia” (Alexandra);

- b) A entrada na comunidade e na identidade dos estudantes do ES, que é conseguida com a sujeição a exigências dos seus colegas mais antigos e que assume um carácter marcadamente simbólico e ritual: “É um orgulho. É um símbolo da importância que tem entrar para aqui...” (Lourenço).

A segunda entrada permite o ritual, realçando o significado social da primeira entrada. A espectacularidade e o colorido do ritual da praxe contribuem para este verdadeiro efeito de retroacção. Com um papel preponderante na reconstrução da identidade dos estudantes, este fenómeno social actua, simultaneamente, na comunidade estudantil, no desenvolvimento pessoal e social de cada novo estudante e também em todo o tecido social. Este tecido social testemunha e legitima esta promoção social como uma estratégia de mobilidade social.

Na verdade, os rituais da praxe são também ritos de promoção social, de elevação de estatuto. Mesmo com a democratização da frequência do ES, a entrada neste nível de ensino continua a ser muito valorizada na sociedade portuguesa, na medida em que, por um lado, confirma e premeia a capacidade intelectual e de trabalho do estudante e, por outro lado, porque se assume como uma estratégia de mobilidade social, já que se espera que as qualificações e diplomas conferidos funcionem como catalisadores positivos para actividades profissionais prestigiadas socialmente e melhor remuneradas. É esta ascensão social que a praxe representa que leva a poder considerá-la como um ritual de passagem, ou seja, “uma mudança irreversível de estatuto que por elevar e realçar os que lhe são sujeitos obriga a que, simbolicamente, sejam rebaixados à mais inferior das condições” (Turner, 1974: 202).

Claude Rivière (1995) defende que as praxes académicas constituem um fenómeno que recusa questões ou objectivos transcendentais relacionados com ensinamentos específicos. Não são os adultos que ensinam ou iniciam os jovens: são os jovens que obrigam os mais jovens a exibir comportamentos de respeito e de obediência.

Os resultados empíricos apontam para a diversidade de perspectivas e experiências por parte dos caloiros relativamente à praxe. De facto, a participação dos estudantes nos rituais de transição para o processo de integração num novo nível académico e numa nova forma de vida tem uma importância capital, uma vez que, rejeitando ou participando na praxe, nenhum estudante lhe fica indiferente. Outro resultado aponta para o facto de que o fenómeno da praxe pode funcionar como um catalisador positivo para a construção da identidade estatutária. Para além disso, a relação de submissão que está subjacente a estes rituais de transição é vivida pelos primeiranistas como um “preço a pagar” para a sua entrada no universo do Ensino Superior.

## REFERÊNCIAS

- Amado-Tavares, D. (2008). *O superior ofício de ser aluno: Manual de sobrevivência do caloiro*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Estanque, E. (2008). Jovens, estudantes e ‘repúblicas’: Culturas estudantis e crise do associativismo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, 9-41.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis: An introduction to its methodology*. Newbury Park, CA: Sage.
- Lamy, A. (1990). *A Academia de Coimbra 1537-1990: História, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*. Lisboa: Rei dos Livros.
- Nunes, A. (1989). Subsídio para o estudo genético-evolutivo do Hábito Talar na Universidade de Coimbra. *Via-Latina – Ad Libitum*, V Série.
- Pinto, J. (1999). Flexibilidade, segurança e identidades sócio-profissionais. *Cadernos de Ciências Sociais*, 19-20, 5-37.
- Ribeiro, R. (2001). *As lições dos aprendizes: As praxes académicas da Universidade do Minho*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade do Minho, Braga.
- Rivière, C. (1992). Le rite enchantant la concorde. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, XCII, 5-29.
- Rivière, C. (1995). *Les rites profanes*. Paris: PUF.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Turner, V. (1990). *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo XXI.
- Van Gennep, A. (1981) *Les rites de passages*. Paris: Picard.
- Weber, R. (1990). *Basic content analysis*. Newbury Park, CA: Sage.